



Pastor da Serra da Estrella

(Cliché do sr. Onetto).

N.º 256 Lisboa, 16 de Janeiro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 48800—Semestre, 24400—Trimestre, 15200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O-SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Offeinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SECULO, 43

OS ÚLTIMOS FRIOS
A SERRA DA ESTRELLA
NO MEZ DE JANEIRO
DE 1911.

A serra, n'esta epoca, está coberta de neve; é um lençol orographado de que o sol tira reflexos estranhos ao chapejal-o nas tardes. Ao longe, os pinca-ros recortam-se, erguem-se como agulhas finissimas para o ceu azul, cavam-se os barrocaes em declives brancos, geladas as lagoas, são extensões de uma alvura immaculada que fere a vista.

E' enorme o silencio nas altitudes; uma neblina densa envolve as povoações do sopé da montanha e a neve tem effeitos maravilhosos n'estes dias, em que o pastor se recolhe, fugindo ao frio, com o seu gado.

Nas extensas geleiras, ha reflexos azues de aço temperado; de quando em quando, ao menor raio de



1—Cascata da Candieira 2—Chafariz de pastores no inverno

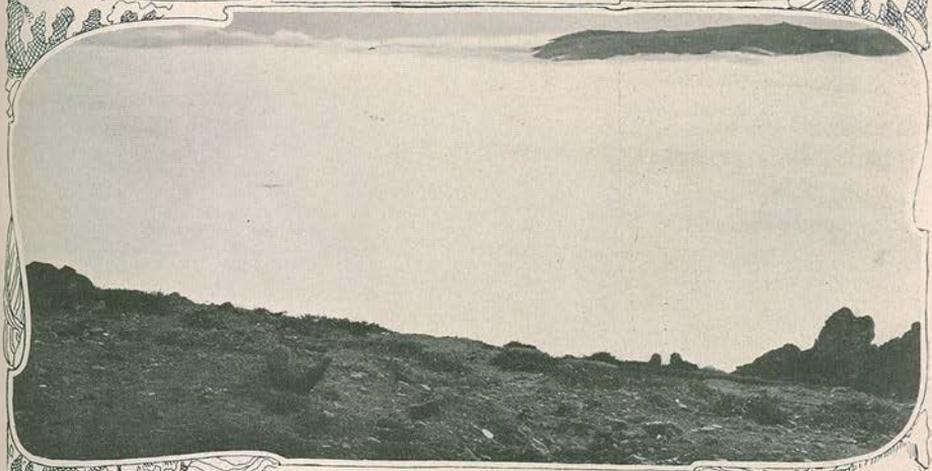


I—Casa da Fraga bloqueada
de neve
—Outra cascata



sol, surgem as côres iriadas, resaltam palhetas d'oiro n'um esplendor; alguns trechos parecem espelhos em scintillações vivas, outros teem tons alaranjados, todos os cambiantes, todos os deslumbramentos.

As arvôres, com as suas camadas de neve, parecem dar fructos, que são lindos pingentes de crystal, finissimos, lembrando apurados trabalhos de artistas cuidadosos e os caminhos desaparecem, atulham-se, são declives escorregadios como superficies de vidro. Barra-se de neve as portas dos casebres, dos cortellos, dos curraes e, pelas noites, os lobos uivam na serra, d'olhos scintillantes como estrellas, acossados pelo frio, o pello erriçado, esfaimados, em busca de presas. Attrahe-os o povoado e descem pela neve, mal receando as batidas, mas especando diante dos lu-



1—A serra nevada 2—Pex has douradas 3—O pantama da serra
coberta de neve



1—A lagôa escura gelada
2—Pastor com o seu rebanho

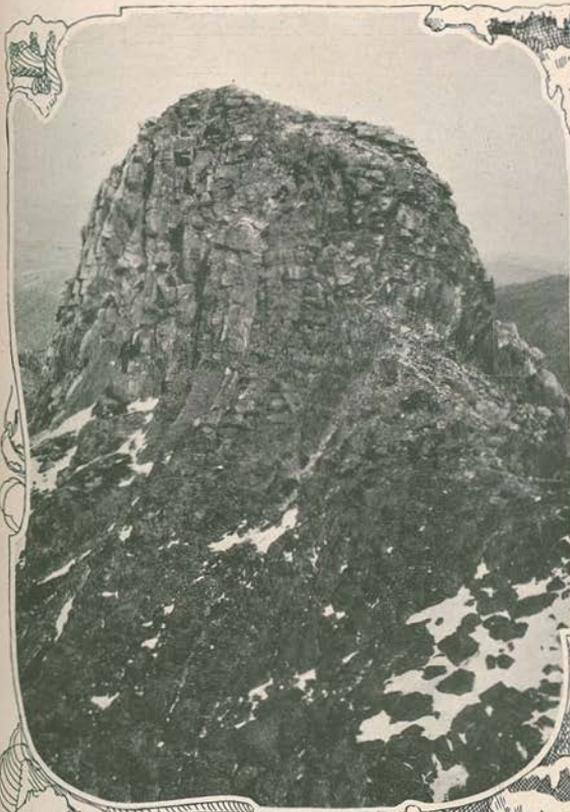
meiros que se accendem a afugental-os.

Então, sós com a neve e com as estrellas do alto, uivam ferozmente, em avisos de arripiar. Cá em baixo, nas aldeias, bem guardado o gado, bem fechadas as portas, a gente das casas escuta-os sentada em torno da lareira, pensando na immensidade da serra, n'esse frio regelante, aconchegando-se mais nos mantões.

E' o inverno inclemente, que faz recordar mais as belezas da Estrella, pelos vèrões, quando os excursionistas a sobem, por entre verduras, deliciando-se e descansando lá no alto, diante do panorama soberbo que se destructa, das aldeias e villas visinhas, da linha espelhenta do Mondego, essa maravilhosa paisagem que jámais esquece, toda afogada em luz, toda scintillante de claridade.

Os lobos en-





tram sempre nas historias que se contam, ao calor das lareiras; falam d'elles como d'ogres horriveis, dizem como se envolvem em bulhas sobre a neve, como seguem os homens pelas estradas, como teem devorado creanças e ao evocarem-nos, diante dos seus uivos, melhor sabe estar ali, hum defendidos e bem resguardados do frio, n'aquella terra da beira da serra.

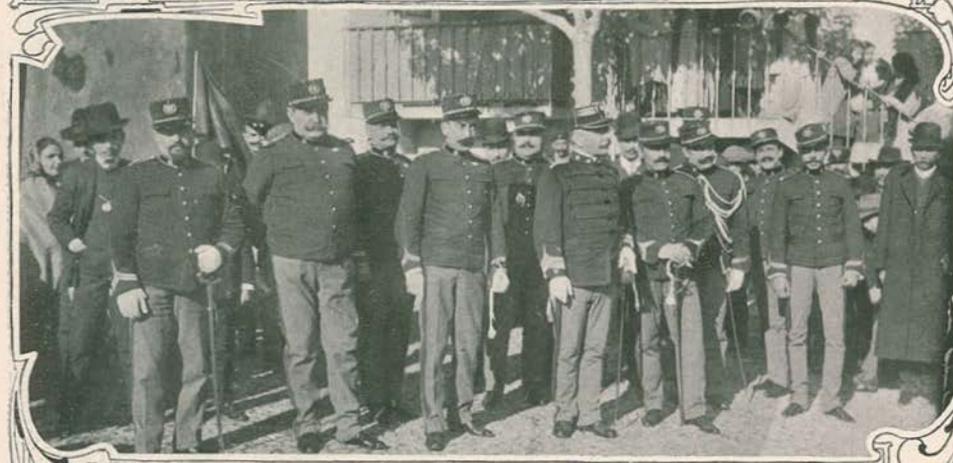
Ao romper das manhãs, alguns mais ousados, vão vê-la como ella agora está, branca, toda branca, na sua extensão, erriçada de picos, que parecem tocar o ceu, e, quando o sol nasce, julga-se que elles se accenderam como fogachos nas mãos de gigantes, a quererem attingir a immensidade. Depois, uma luz rosada derrama-se pelas cristas, scintilla, espalha-se, alaga tudo, e a serra, na sua neve alva, é como um grande phantasma, que se toucasse de rosas, ao despontar d'uma madrugada.



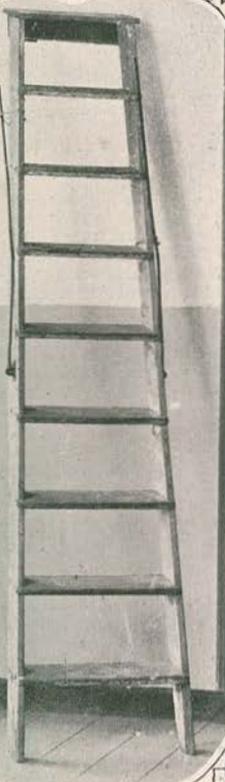
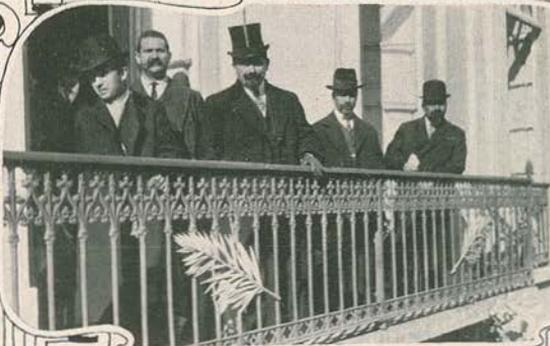
1—O Cantaro Magro 2—Trechos da lagõa Comprida
(Clichés do sr. Oneto)



FIGURAS E FACTOS



1—A festa annual da Sociedade Promotora de Educação Popular, a que presidiu o sr. Machado dos Santos 3—O lanche oferecido ao ministro do fomento pela-fabrica de chocolate Iniguez. 3—Visita do general Encarnação Ribeiro á companhia da guarda republicana do quartel de Santa Barbara—(Clichés de Benolle)



1—O sr. ministro da justiça no convento do Desagravo.
 2—Uma reliquia histórica: A escada que serviu ao rei D. Manuel para saltar o muro da cõra das Necessidades, no dia 4 de outubro 3—O ministro da justiça na casa dos religiosos franciscanos. 4—O sr. dr. Affonso Costa, rodeado de populares após uma visita a uma casa da rua das Flores, ao Castello, e que pertencia à Companhia de Jesus

O PIÃO

In illo tempore, no tempo em que eu era garoto e tocava os sinos e ia nadar ao rio, pregaram-me um dia com um pião na corôa da cabeça, de tal maneira, que me abriram ao verde deapiedadamente. Choro e com um fio de sangue correndo-me para uma orelha, levaram-me depois a casa de meus paes, onde apanhei uma sova memoravel. E foi, por certo, da gâna insuflada intercapilarmente pelo *ferrão* traicoeiro; pelo que houve de *heroico* no derramamento instantaneo e espontaneo do meu sangue, e pela consequencia d'aquelle tarefa, visando com tenacidade as baixas regiões do meu corpo, que eu fiquei tendo, desde ha vinte annos, pelo pião, uma ternura de se lhe tirar o chapéo!...

In illo tempore (n'aquelle tempo!...) os garotos eram de maior fama, havia-os que sab' am correr a *estrella*, jogar a *bilharda*, o *espêto*, o *bêto*, o *trinca-cevada* e armar aos pardejos, atirar á *funga*, etc... Quando os calores do S. Martinho fa-



judicar a propriedade alheia, com duras e maldosas *nacézeas*.

Um garoto que no meio da rua deitava a lingua de fóra, e a mordida, predisposto para o des-pique, amordaçava, acto conti-

nho, o pião de buxo; colava bem ás pontas dos dedos o cordel que se ia espiralando, ao cair a fundo sobre o pião rival, para o abrir e para arruinar, d'esse modo o *capital* dos companheiros. Largos alvoroços dos circumstantes movimentavam

toda a roda, da ancia de vêr tombar, perfurada, uma *zebrinha* que na terra arrulhava tal como um pombo. E de repente, quando o pião sem sorte se abria em dois, as gargalhadas surgiam estrondosas, atirava-se com os tamancos ao ar, de alegria, e a victima ia para casa a limpar as lagrimas á manga do casaco...

In illo tempore, (quando eu jogava a pedrada!...) principiava-se a jogar o pião quando appareciam as primeiras castanhas; pouco mais ou menos pelo dia de S. Francisco d'Assis, a 5 de outubro. A temporada era alternada com a do *rapa* do Natal, e chegava até aos fins de fevereiro, se a Semana Santa fosse baixa; porque depois era a *estrella*! Havia piões e piascas, para rapazes e rapa-



ziam sarampo á gente, por exemplo, não havia botões que me parassem nos calçotes; arriscava-os todos n'uma buraca, ao sol—ficando, ao acaso, *rei*, *rainha*, *funêta* e *'sfoça*. E como me alegre pensar agora no sol contente a que as velhas fiavam, com o cestinho e o copo dos pinhões, quando eu, jogando, ficava cá fóra, n'um gazeo ao mestre escola!...

In illo tempore (ha vinte annos!...) o pião era um jogo de vingança—como hoje poucas vezes o é. Com um vintem, gasto no instrumento, ficava-se de posse d'uma força mais que sufficiente para pre-

- 1—O jogo do pião em bom terreno
- 2—Um emérito jogador de pião
- 3—O aparar do pião
- 4—O pião na palma da mão



rigas; e era d'uso jogar á sahida e entrada da escola, nas quintas feiras feridas, no domingo depois da missa, e sempre que se podia dar um gaezo... Este jogo não tinha (nem hoje tem, penso) cambio algum amoadado. Jogava-se para ter a consolação de arrebentar um traste alheio ou para se ficar, tristemente, a braços com a ruina.

Pelo que se vê que a vingança não é apenas dos deuses; mas confraternisa, ruidosamente, também, com um garoto suado russo e de pé descalço!

In illo tempore (ha quanto tempo, já!...) tínhamos um jogo que, por pequenino e ingenuo que era, parecia «nêto» do pião mariola que entreteinha as grandes manhãs de sol, no inverno. Chamava-se a «bugalha», a bola lisa e miuda do carvalho; porque se não trata, positivamente, do bugalho duro e graudo com que jogavamos, ás manadas, sobre e contra os *caretas* sujos de domingo gordo.

Bugalha zveieira, furava-se no centro para o encaixe d'um graveto estreito; e solta, depois, de entre dois dedos, sirandava á roda, muito ventruada e anafada, com o pontão bicudo a rastilhar na areia.

Desça-se, agora, a escala; venha-se do pião lançado da unha a cordel para o pião que alguns collocam n'uma tala de madeira e repuxam para que se solte; depois do *râpa* quadrado para a *bugalha* oval... e teremos, nitidamente, em frente de nós, toda uma familia pittoresca, do *avô*-pião á *nêta*-bugalha, gente da siranda, do pé descalço, que parece ter aprendido com as moças, no terreirinho em frente á igreja, as rodas do *regadinho*; e com as creanças, de mãos dadas, o adormecimento lento da cantiga do

Anda a roda, anda a roda,
anda a roda ao redor;
quanto mais andar a roda
mais t' eu quero, meu amor.

In illo tempore (e adeus, oh grande vida!...) jogava-se ao sol, como já disse. O sol faz tudo: alegria, sarampo, algazarra, amizade—bastando dizer que o sol alegre illumina as flôres e dá um lustro sem par aos grandes terreiros e ás grimpas das torres. Ahi, mais do que em nenhuma parte, se aprende a confirmar, no decorrer do tempo, aquella maxima de que a vida (toda a vida, infelizmente) é um jogo, e um jogo terrível de precipitação e astúcia, difficil para quem necessita de se lançar e equilibrar n'este arido convívio de homens. Aquelle instinctivo, vingativo, arremeço de pião... é toda uma philosophia, e a arida verdade de que, ao vingarmos para a vida, sahimos um pouco bestas e duplamente maus d'onde só a ternura e a maldade produziram seu fructo d'amor, infinito de preço.

Não é a desordenada teia d'aranha de quem soffreu ou quem sofre que marca isto. Os jogos dizem, mais que a graça apparente que já contei, e mais que o serem o divertimento facil do garoto alegre, aquella grande e evidente verdade de que só as flôres (só as flôres!) são bonitas quando nascem e ainda admiraveis na ultima folha que se desprende...

E' uma questão de saber olhar!.. e vêr!...

G.



Varios motivos d'uma «arte» difficil
(Cliches de José Lima
e Alfredo Guimarães)

COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

O PÃO — HISTORIA DE UM GRÃO DE TRIGO — O PÃO DA CIDADE — UM ALIMENTO PERVERTIDO — O PÃO QUE SE DEVE COMER

O pão, como o leite, possui os elementos nutritivos essenciaes á conservação da vida. Para o adulto é um alimento de trabalho muscular e de economia pelo seu amido, e um alimento plastico pela sua albumina e saes mineraes. Para a criança é um alimento de crescimento (sobretudo o *pão completo*). Debaixo do ponto de vista economico, o pão constitue o primeiro dos alimentos. O pão é a refeição dos pobres. Adulterar o pão é por isso mesmo attentar contra a vida dos desprotegidos, roubar a miseria, illudir a fome. Um grande historiador fez com razão derivar a civilização humana do dia em que o homem barbaro coseu o seu primeiro pão. Mas o pão do seculo XX é mais mal feito do que o pão que os vandalas traziam nas suas sacollas de pelles quando assolaram a Europa. O pão do homem contemporaneo é em geral um verdadeiro ludibrio alimentar.

Para se poder ajuisar do valêr de um pão é necessario porém conhecer o grão de trigo.

Este grão pequenino e fuziforme compõe-se: 1.º de um involucro de cellulose dura que, depois da debulha, dá o farello; 2.º de uma amendoa cujo nucleo é quasi exclusivamente constituído de amido, mas cujas camadas superficiaes contem materias azotadas (gluten) e mineraes, além de oleos aromaticos e fermentos. Convem notar a importancia d'estes ultimos, destinados a digerir o amido, o gluten e os oleos que alimentam a planta durante o periodo da germinação.

Como consequencia d'esta composição, comprehende-se que, segundo os diversos processos da fabricação da farinha, ter-se-hão outros tantos pães completamente diferentes, entre os quaes tres typos principaes:

1.º—O *pão branco*, constituído unicamente pelo nucleo amylaceo do trigo.

Este pão defeituoso caracteriza-se pela predominancia do amido e pela au-



A mesa moderna... sem pão

sencia quasi abso'luta de gluten e de saes mineraes. E' o pão porvertido, o pão por excellencia da dyspepsia, o pão do arthritismo e da acidez, atrahente e perfido, alvo e toxico. E' este o pão que se vê em todas as mezas da gente abastada e remediada de Portugal: um pão corrompido pela moagem mechnica, que subtrahe ao trigo os seus elementos providencias e o adult'era para recreio dos olhos e veneno do estomago. Este é o pão que um grande medico —A. Gautier—affirmou ser a causa fundamental da decadencia da raça humana.

2.—O *pão trigueiro*, que ainda se fabrica na provincia e nos arredores de Lisboa sob a denominação de «pão saloio». Na sua constituição entra menos amido, mais gluten e sobretudo muito maior quantidade de saes mineraes que no pão branco, possuindo ainda os oleos e os fermentos digestivos do grão de trigo.

3.—O *pão completo*, de Graham ou de Griffiths; o primeiro differencando-se do pão trigueiro apenas pela quantidade mais consideravel de cellulose; o segundo representando uma formula scientifica perfeita pela dosagem de cereaes que o constituem e que o tornam um verdadeiro alimento autonomo.

As farinhas dos pães trigueiro e completo proveem na sua quasi totalidade de moinho: com mós de pedra—d'esses lindos moinhos de vento, cujas azas se foram quebrando pouco a pouco por todas as colinas do sul de Portugal, e d'esses pittorescos moinhos hydraulicos, que povoam as margens dos rios do norte e onde se móe ainda o milho com que se fabrica a brôa. O pão branco, ou pão alvo, esse provem das poderosas baterias de cylindros, movidas a vapor ou electricidade, e adoptadas pela moagem mechnica.

Se para apreciar o valor de um a'imento não se tomasse em linha de conta senão a sua producção em calorias, todos estes pães (com excepção do de Griffiths, que lhes é superior), se equivaleriam, sendo em conjunto pouco mais ou menos egualmente nutritivos. Mas se se fizer entrar em linha de conta a sua riqueza em albumina e em saes mineraes, os pães trigueiro e completo devem preferir-se sem hesitação ao pão branco.

O *pão completo* (pães de Favrichon, Lutèce, Normal, etc., compostos unicamente de trigo, e o de Kneipp, em cuja composição entra o centeio) corvem com especialidade aos que dispendem no trabalho grandes sommas de energia, aos estomagos robustos e aos que soffrem de prisão de ventre habitual. Toleram-no mal os estomagos irritaveis, sujeitos a flatulencias e dôres, e os predispostos á diarrhéa. E' considerado o pão do crescimento, em razão da sua riqueza em albumina e em saes mineraes. E' um estimulante do estomago, do intestino delgado e do intestino expulsor (o colon).

O *pão trigueiro* (pão Schweitzer na sua formula scientifica) devia ser o pão de quantos, não podendo digerir o pão completo, teem entretanto a necessidade de se mineralisarem, e em primeiro logar dos intellectuaes, pois, como se sabe, o pão é o nosso principal fornecedor de magnesio—o mineral do pensamento!—e dos neurasthenicos, dos depremidos de todas as cathogorias, dos candidatos á tuberculose e das mães, tanto no periodo de gravidez como no da amamentação.

O *pão branco*, esse só deveria ser utilizado á falta de outro, havendo o cuidado de o torrar previamente, a fim de lhe corrigir alguns dos mais graves defeitos, convindo

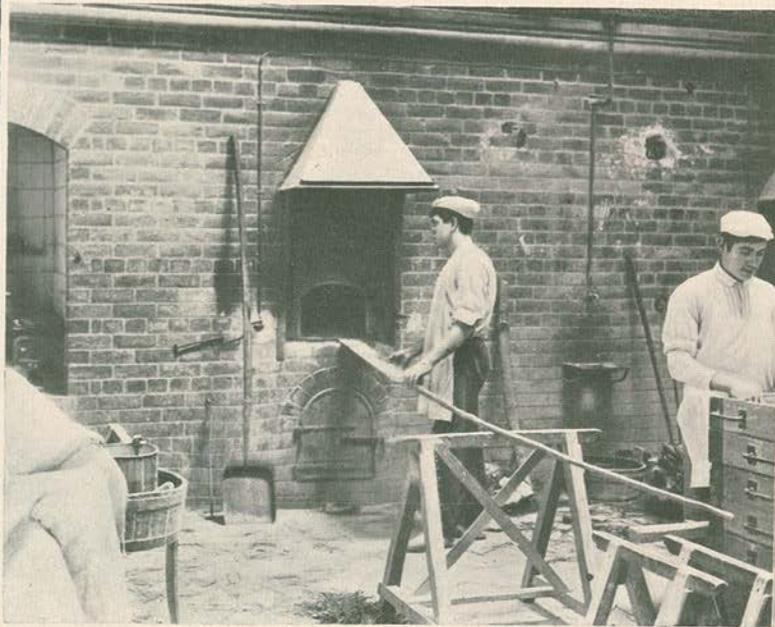


não esquecer que elle concorre de modo notavel para a constipação ou prisão de ventre, e que, quando não torrado, precisa de ser abundantemente impregnado de saliva durante a mastigação para se tornar digerivel, sem o que azeda no estomago e provoca dyspepsias rebeldes.

Grande parte dos especialistas de doenças do estomago prescreve a eliminação total do pão industrial, substituindo-o pura e simplesmente pela batata cozida em banho-maria ou assada no forno, ou ainda pelo arroz cozido pelo vapor. Este radicalismo é demasiado comprehensivel por parte d'aquelles que teem podido observar a acção pernicioso do chamado pão da cidade no tratamento de inumeraveis casos de enfermidades digestivas.

Comtudo, pretender abolir o uso do pão seria um absurdo, pois o pão é um dos mais poderosos alimentos do genero humano.

Segundo calculos já feitos, o habitante de Lisboa consome em média 300



O forno de uma grande padaria

grammas de pão por dia, as quaes representam approximadamente 750 a 800 calorias, ou seja mais de uma terça parte do que deve representar a ração de um adulto de actividade moderada! Por pouco abundante que seja a sua meza, o homem que ingere 300 grammas de pão diariamente, superalimenta-se, e como ao destruir-se no organismo este alimento o acidula, condul-o fatalmente ao arthritismo.

O pão é conveniente ao homem. Mas é preferivel não usa pão, a abusar do pão. Principal agente do trabalho muscular, o consumo de pão deve ser proporcionado á nossa actividade physica, ou sejam 4 grammas no maximo por kilo do peso do corpo, diariamente, para uma vida sedentaria, e o dobro e mesmo o triplo n'um regimen de grandes dispendios musculares.

De entre os pães de combinação scientifica merece uma referencia especial o pão de Griffiths, recentemente introduzido em Portugal e accessivel, com insignificantemente augmento de despeza, ás classes menos abastadas. Composto de



1—O amassar do pão n'uma padaria de Lisboa 2—O padeiro de Lisboa

trigo, milho, centeio e cevada, riquíssimo em saes mineraes e g'uten, este pão saboroso e nutritivo, indemne á acidez, tem a vantagem consideravel de poder ser manipulado em casa. Tendo tido occasião de vêr um dia n'uma padaria o homem que amassava o pão infectado de uma doença contagiosa, não foi sem horror que me lembrei de que esse pão ia ser vendido á centenaes de creaturas. Toda a mulher que presa a saude da sua familia devia fabricar o pão em sua casa. N'esse pão hygienico e saudavel, sem fermento, amassado em agua ou leite, ella daria a seus filhos um alimento saboroso e puro. Até ac principio do seculo passado era como que um apanagio das casas nobres o fabrico domestico do pão e em todas as grandes casas havia um forno. Hoje só na provincia esse habito se mantem, mas o pão é quasi exclusivamente destinado á alimentação do pessoal da lavoura. Porque não reatar a tradição, quando motivos tão imperiosos de hygiene a aconselham e impõem, e quando a manipulação domestica do pão se tornou, com as farinhas do genero da do dr. Griffiths, tão facil e accessivel a todos os lares? Qual'quer fornalha de fogo serve para coser esse pão sem levedura, saboroso e saudavel (1). Uma vez introduzido esse habito na casa, nada custará a conservá-lo. E a receita para a confecção do pão é, como vae vêr-se, de uma simplicidade extrema.

Mistura-se a farinha com um pouco de manteiga fresca e sal (20 grammas de manteiga para cada 150 grammas de farinha), amassando-a bem. Junta-se-lhe depois leite ou agua pouco a pouco, batendo a massa até que ella adquira uma completa elasticidade. Tenha-se a fornalha do fogão muito quente. Encham-se com a massa assim obtida pequenas fôrmas ou taboieiros de lata, previamente untados de manteiga, e levem-se ao forno. Basta que o calor da fornalha seja intenso durante os primeiros dez minutos. Convem depois abrandá-lo pelos restantes vinte minutos necessarios á cosedura do pão. E ter-se-ha á hora da refeição o melhor, o mais nutritivo, o mais delicioso dos pães. Como recommendação importante é necessario observar que o volume de pão de Griffiths sufficiente á nutrição de uma pessoa deve representar a quarta parte do volume que habitualmente se come do pão vulgar.

Melhor pão: menos pão. Esta é a base de todos os regimens de alimentação racional.

Selda Potocka.

(1) As donas de casa que não queiram dar-se ao pequeno incommodo de fabricar o pão, encontram-no já feito sob a fôrma de boiacha. A Nova Companhia Nacional de Mogença acaba de lançar ao mercado a boiacha Griffiths, destinada a substituir o pão.

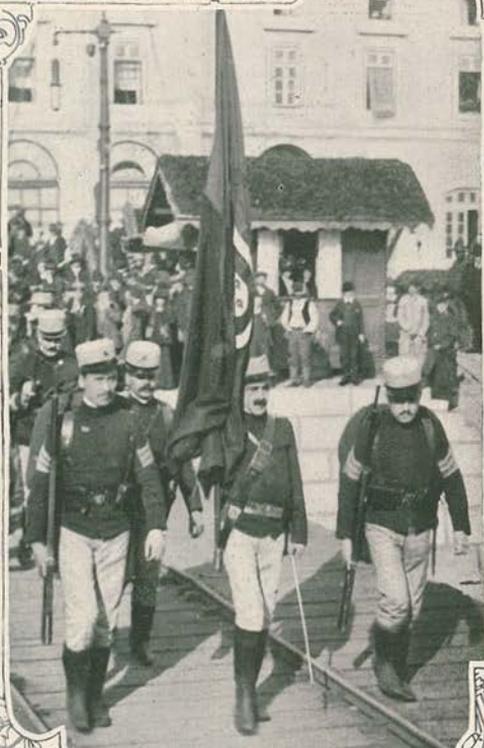


A AGITACÃO NA MADEIRA

A PARTIDA DE CAÇADORES 6 PARA O FUNCHAL

No Funchal lavra uma grande effervescência entre a população que não quer acatar as medidas de prophylaxia contra o cholera, ordenadas pelo sr. dr. Alfredo de Magalhães, tendo mesmo algumas pessoas tentado assaltar o lazareto de Gonçalo Ayres.

Afim de manter a ordem partiu para ali o batalhão de caçadores 6, cujos soldados e officias foram alvo de grandes manifestações do povo; ao atravessarem as ruas para embarcarem no *Peninsular* em 7 de janeiro



1—O commandante e os officias de caçadores 6. 2—A bandeira do batalhão 3—Os ministros da guerra e da marinha dirigindo-se á ponte do Arsenal para assistirem ao embarque do batalhão



1—O «Peninsular» largando da ponte depois do embarque das tropas. 2—O batalhão na praça do Município, antes do embarque



O jantar offercido por um grupo de amigos, no hotel «Avenida Palace», ao sr. João Chagas, ministro do Governo Provisorio da Republica, em Paris
(Cliché de Benoit)

A BOMBA A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO

(Continuado do numero anterior)

Cada um d'elles pegou n'uma bomba vasia. Na frente de Aquilino estava o dr Gonçalves Lopes e mais adiante o commerciante seu companheiro. O dr. Gonçalves Lopes, descuidando-se um pouco nas precauções que era de uso tomar em taes circumstancias, principiou a martelar com força no engenho que tinha na mão (em ferro fundido do formato d'uma pinha) Aquilino ainda lhe recommendou prudencia; mas elle sorriu-se, incredulo, e continuou o trabalho. De repente, um grande estrondo fez estremeer o pavimento, o tecto, as paredes, do modesto quarto da rua do Carrião. A bomba do dr. Gonçalves Lopes explodira!... Aquilino Ribeiro viu-o cahir esphacelado, salpicando de sangue tudo á sua volta e viu tambem que o commerciante

avançava para elle, soltando gritos como os de um animal ferido de morte. Acolheu-o nos braços, mas teve que o largar logo a seguir, porque já agonisava.

Esse momento foi para Aquilino de dolorosissima hesitação. Dirigiu-se a outro quarto a

avar-se porque estava negro como um carvoeiro e quando

voltou ao primeiro aposento pensou em fugir. Mas, como? O chapéu que tinha na cabeça, um chapéu molle, de feltro preto, parecia um crivo. O vestuario não inspirava confiança, as mãos e a cara denunciavam-n'o, trahiam-n'o. . . Passeiou uns segundos no quarto, sem saber o que fazer e quando percebeu que gente estranha subia a escada do predio, a inquirir da causa do estrondo escondeu-se debaixo d'uma cama. Os primeiros minutos passou-os quieto e calado n'esse refugio de occasião. Mas, ogo que ouviu a curta distancia os commentarios da policia e as interrogações dos reporters, longe de procurar misturar-se aos collegas—

Levaram-n'o para o governo civil e depois á Morgue. Aquí, col-



José Nunes, um dos mais audaciosos revolucionarios, e a quem se deve a fabricação dos mais poderosos engenhos explosivos

Aquilino era n'esse tempo collaborador d'um diario republicano da manhã—dando-se ares de alheio ao caso, começou de agitar-se e despertou a attenção do chefe Ferreira. Estava apanhado...



As fôrmas que serviram ao sr. João Borges para a fabricação das bombas esphericas preparadas para a revolução de 28 de janeiro



O dr. Francisco Maria da Veiga, o primeiro juiz de Instrucção Criminal—(Júdice Bobone)

locaram-n'o em frente dos dois cadáveres mutilados—o do dr. Gonçalves Lopes e o do commerciante—e tentaram, com essa confrontação perturbadora, arrancar-lhe a confissão plena do seu segredo. Aquilino verteu uma lagrima de saudade, mas nada disse do que a policia ambicionava saber. E durante os dois mezes de incomunicabilidade na esquadra do Caminho Novo, de tal modo resistiu ao cerco de perguntas que o chefe Ferreira lhe dirigiu que o juizo de instrução criminal que, com a explosão da Estrella, conseguira prender, por suspeitas, umas cem pessoas, com a da rua do Carrião, apenas incommodou um homem

de 4, á hora em que um nucleo de militares e civis se installava na Rotunda e outro nucleo semelhante dispersava com perdas as forças monarchicas acantonadas em Alcantara, ainda n'uma casa para os lados da Sé se fabricavam bombas para o ataque á guarda municipal. Essas bombas devia ir ali buscal-as um automovel tripulado por gente de confiança dos dirigentes revolucionarios. O automovel não foi e um dos fabricantes desceu á rua a inteirar-se dos acontecimentos. A policia prendeu-o... E elle talvez tivesse soffrido horas depois as consequências tragicas da sua impaciencia, se um guarda benevolente o não houvesse collocado



O grupo revolucionario «Intervencionista»

em casa de quem foi encontrado um cartão de visita, onde se lia unica e simplesmente o nome de Aquilino...

Chegado a este capitulo da historia do fabrico de explosivos em Portugal, devemos uma revelação aos leitores da *Illustração Portuguesa*: para o movimento revolucionario de 4 e 5 de outubro confeccionaram-se cerca de quatro mil bombas! E' certo que, no momento opportuno, não appareceu nos locaes estrategicos tamanha quantidade de projecteis. Ainda hoje cremos que dormem somno profundo debaixo de alguns palmos de terra, diversos caixotes cheios de material destruidor que a revolução não utilisou. Na madrugada

em condições de fug'r da esquadra ao primeiro ensejo favoravel.

Falemos agora d'alguns d'esses homens que merecem destaque especial n'um artigo como este, sobre o fabrico de explosivos, o fabrico exclusivamente nacional. Em primeiro logar, convém accentuar que se na preparação do 28 de janeiro o fornecimento de bombas se effectuou não só em Portugal como fóra do pa'z, para o 4 e o 5 de outubro apenas se recorreu á *industria caseira*. E restringiu-se o fornecimento aos nossos dynamitistas porque, na phrase d'um libertario conhecido, *as bombas estrangeiras importadas para a execução*



1—Fragmento de uma bomba depois da explosão

do plano de 28 tinham provado mal. Eram de fãncaria. Ou se o não eram, se representavam realmente todo o progresso technico dos revolucionarios que as fabricavam, esse progresso, não concitava a admiração dos entendidos. Entre nós fazia-se melhor e mais barato.

Mas... não percamos de vista os auctores dos modelos de projecteis actualmente em exhibição no Museu do Quelhas. Falemos do operario José Nunes. Começamos por elle, porque de todos os fabricantes de explosivos é, certamente, o que o grande publico menos conhecia antes do triumpho revolucionario. E, no emtanto, a sua figura é das que não escapam, no redemoinho d'uma agitação politico-social, ao golpe de vista d'um observador. Forte, musculoso, a physionomia enérgica e incisiva, tem o typo do homem de acção, resolutivo e certo. José Nunes, desde o 28 de janeiro ao 4 e 5 d'outubro, galgou, amargurado pela doença e outros desgostos, uma *étape* de voluntario exilio africano. Mas esse incidente da sua vida não tem verdadeira ligação com o assumpto de que n'este momento nos occupamos e, por isso, pomol-o de parte, reservando para melhor opportunidade a respectiva referencia pormenorizada.



2—Sr. Virgílio Sá, photographo que fazia parte do grupo «Intervencionista», e auctor da maior parte dos sensacionais clichés que illustram o presente artigo

Para a historia do fabrico de bombas em Portugal e da utilização d'esses projecteis no movimento que derrubou a monarchia, importa simplesmente saber o seguinte:

José Nunes, regressando d'África a Lisboa, foi readmittido na Imprensa Nacional. Isto passava-se em fevereiro do anno findo Pouco depois, procurava-o um amigo, o actor Vieira Marques, e propunha-lhe a organização d'um grupo de revoltosos, incumbido especialmente de coadjuvar a Junta Liberal. A Junta, tendo á frente o dr. Miguel Bombarda, trabalhava por obter do

governo monarchico a expulsão dos jesuitas. Agitando o povo com as conferencias anti-reaccionarias que promovia e outras manifestações de caracter colectivo, tentava desenrolar uma campanha que, tarde ou cedo, obrigaría o ministerio d'essa epoca a providenciar rigorosamente sobre o facto. O grupo da iniciativa do actor Vieira Marques auxiliava a Junta—sem ella o suspetar—preparando a destruição mais ou menos completa, d'algumas casas de religiosos. A obra da Junta era, essencialmente, de propaganda pela palavra e pela escri-

pta; a do grupo em questão, era de execução violenta, de intervenção dynamitista

José Nunes não estava ligado a qualquer agremiação republicana ou revolucionaria. Não pertencia á Associação Carbonaria Portuguesa. Não tencionava mesmo trabalhar por incumbencia dos que preparavam a eclosão da revolta de 4 e 5 de outubro. Fazia bombas porque era e é anarchista. Se os seus projecteis serviam a organização fomentada pelos *comités* democratas... tanto melhor para o seu espirito de intransigente luctador. Aceitou a proposta do actor Vieira Marques. E d'ahi nasceram os *Mineiros*—seis homens de

signio, José Nunes dispunha-se a confeccionar as bombas con-

soante os planos que os camaradas lhe submettessem. Sim, porque isto de fabricar um projectil explosivo para determinado edificio exige uma m'nucia de calculos que pouca gente conhece. Ha que attender a condições topographicas, a dimensões de... ha que attender, emfim, a muita cousa

O actor Vieira Marques tomou sobre si o encargo de estudar o Quelhas. Esse estudo era tanto mais complicado quanto é certo que os *Mineiros* queriam evitar a todo o custo que a explosão



O revolucionario João Borges o photographado no dia 5 de outubro com um grupo de amigos, pouco depois de ter sahido do governo civil, onde so achava detido—(Phot. de Novaes)

rara decisão, que, dentro em pouco, começaram a ser dirigidos por um artista, tambem revolucionario, Virgilio de Sá.

O primeiro cuidado dos *Mineiros* foi o de descriminar as funções inherentes a cada um dos membros do grupo. Escolheram entre os pontos de Lisboa então occupados pelos jesuitas e outras padres congreganistas aquelles que se lhes afiguravam mais vulneraveis: o Quelhas e a capella das Mercês. E emplantaram uns d'elles estudavam nos respectivos locais a maneira facil de pôr em pratica o seu de-

d'uma bomba no convento attingisse as crianças ali internadas. Durante trez noites consecutivas, o actor Vieira Marques, entrando cautelosamente na cerca do edificio, observou, mediu, annotou e assim conseguiu traçar uma planta, em face da qua, José Nunes ficou habilitado a confeccionar uma bomba-monstro (a que o ultimo numero da *Illustração Portuguesa* reproduziu). Essa bomba tinha a particularidade de alliar ao seu grande poder detonante e metralhador o poder de espalhar no seu raio de acção gazes deletorios. Era uma bomba envenenadora.



facultou os recursos monetários indispensáveis a tal fabrico? Ou melhor, quem facultou esses recursos aos grupos *Vedeta* e *Mineros*? Diga-se desde já: não foi o Directorio do partido republicano nem qualquer dos *comités* revolucionarios constituídos por elementos em destaque no mesmo partido. Foi a dedicação pessoal d'uma meia duzia de homens que se uns eram simplesmente republicanos, outros trilhavam caminho diverso no que respeita a ideias politicos.

Todos, porém, commun-gavam no mesmo dese-

Entretanto, o grupo *Vedeta*—este filiado na Associação Carbonaria Portuguesa—solicitava o concurso do arrojado operario para o movimento de 4 e 5 de outubro. Precisava de bombas e como não abundassem os fabricantes de explosivos necessitava imperiosamente d'essa colaboração. E' o momento em que José Nunes apparece ligado á preparação da revolta triumphante.

Quem lhe



jo: o de extinguir a monarchia portugueza. E' provavel—é mesmo certo—que José Nunes publique brevemente um folheto em que a par de narrativas da acção revolucionaria nos Olivaes e Poço do Bispo, se lerá outros capitulos da historia da dynamite em Portugal. Note-se, entre parenthesis: a capa

1—O «café dos anarchistas» na travessa da Trindade
2—«A Brazileira» onde se reuniram diversos revolucionarios
em evidencia 3—O «café Colon» na travessa da Palha,
ponto de reunião de varios revolucionarios

d'esse folheto cujo producto é destinado a augmentar as receitas do Vintem Preventivo, Asylo de S. João e Centro João Chagas—deve reproduzir graphicamente a experiencia d'uma bomba. Ver-se-ha então ahi que a abnegação e o desinteresse d'uma insignificante minoria subvencionaram o que para a grande massa do publico ainda hoje se affigura erradamente o resultado d'um generoso apoio official.

Occupemo-nos agora de João Borges, outro fabricante de ex-

estabelecimento na travessa da Palha, reuniam-se frequentemente n'um café das proximidades. Ahi occupavam-se ostensivamente de assumptos estranhos á politica e, quando chegava a hora de iniciar a manipulação, despediam-se uns dos outros sob pretextos varios.

—Vou dormir, dizia por exemplo João Borges.

E, sobraçando uma caixa de folha com a ferramenta professional,



plosivos O perfil d'este revolucionario diferiu sempre do de José Nunes. A sua apparencia descuidosa contrastou sempre com a reserva quasi impenetravel do engenheiro do grupo Mineiros. E a essa despreocupaçao do perigo que affrontava é que João Borges deveu talvez o ser preso poucas semanas antes de rebentar a revolta triumphadora.

Prevendo a hypothese da policia espiar os menores actos dos libertarios que ella conhecia, os fabricantes de bombas com



1—Sr. Carlos Kopko, sub-chefe do grupo «Vedetas» 2— Sr. Roque de Miranda, chefe supremo do grupo «Vedetas» 3—Sr. Arthur dos Santos Silva, sub-chefe do grupo «Vedetas»

encaminhava-se para a officina, com o ar mais natural d'este mundo.

Outras vezes era no Rocio, ao ar livre, que os possuidores do segredo terrivel, faziam conclave. A policia acotovelava-os, por assim dizer, sem desconfiança. E a empreza proseguia, alargando de instante para instante a sua area de preparaçao demolidora.

JORGE DE ABREU

4—As bombas expostas no Museu da Revoluçao 5—O commerciante J. Belmonte, a outra victima da explosao da rua do Carrião

-A-PARADA-CYCLISTA-DO-DIA-8-

Mais de mil cyclistas se juntaram na rotunda da Avenida em 8 de janeiro para irem cumprimentar o governo provisório. A passagem pelas ruas foi d'um lindo effeito; os velocipedistas com as suas machinas e com os distinctivos dos seus clubs formavam grupos enormes, que soltavam vivas á republica. Depois da manifestação no Terreiro do Paço foram formar-se em frente da Camara Municipal a saudarem a vereação que lhes agradeceu, como já o tizera o ministro da justiça, a prova de sympathia e essa demonstração de confiança nos homens do novo regimen

(Cliché de Benoitel)



Os cyclistas no Terreiro do Paço

O EMPASTELAMENTO DA IMPRENSA MONARCHICA

No domingo, 8 de janeiro, uma grande multidão invadiu as redacções dos jornaes monarchicos *Correio da Manhã*, *Diario Ilustrado* e *Liberal* que atacavam o governo da Republica e empastellou as respectivas typographias, partiu mobiliario, apeou tabo'etas, marcando assim o seu protesto.

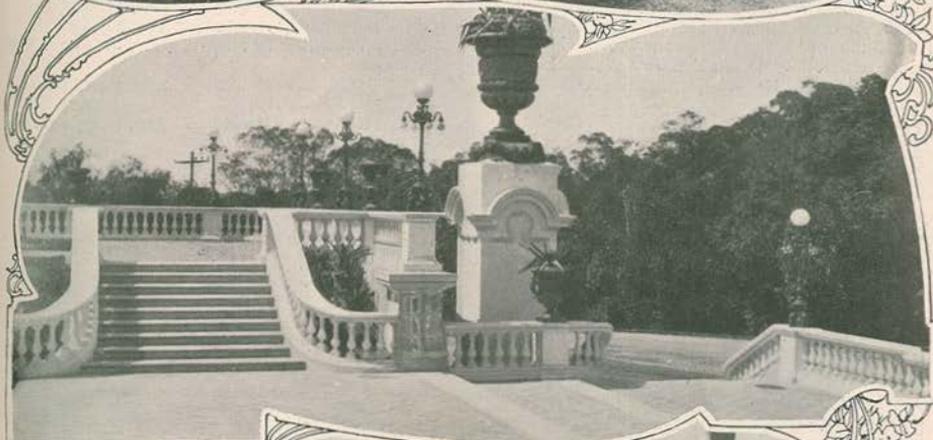
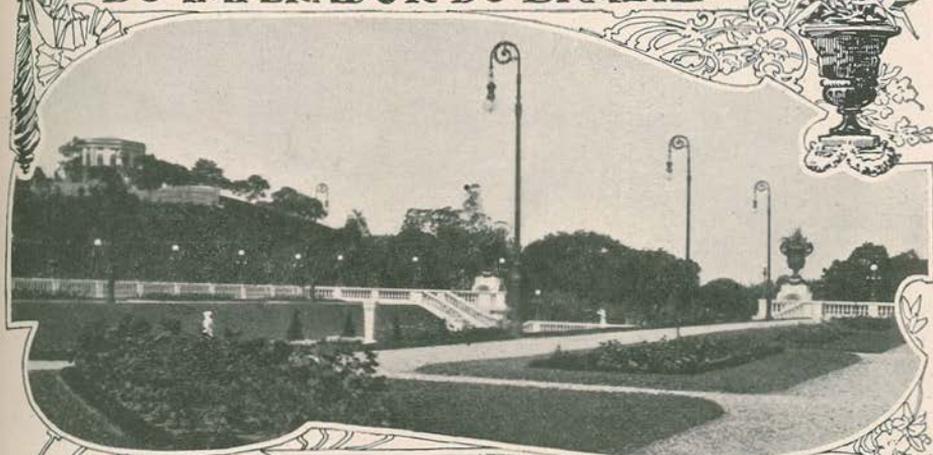


- 1—A redacção do «Correio da Manhã»
- 2—Sob as janelas da redacção do «Liberal»
- 3—O gabinete do director do «Correio da Manhã» depois do assalto à redacção
- 4—A sala de redacção do «Correio da Manhã» depois do ataque dos populares

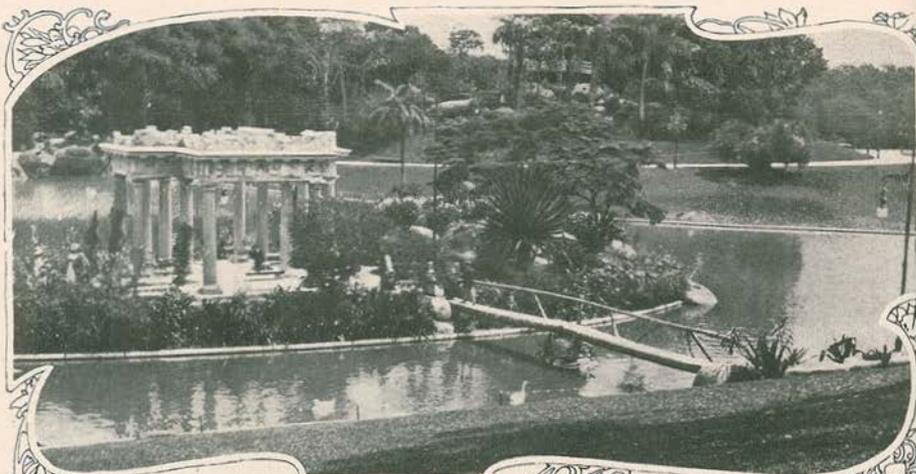
(Clichés-de-Benoliel)

O governo ordenou um inquerito afim de apurar quem foram os culpados d'esse acto contra os periodicos adversarios do regimen.

OS JARDINS DO ANTIGO PALACIO
DO IMPERADOR DO BRAZIL



- 1—O grande «parterre»
2—A escadaria de acesso ao palacio
do lado dos jardins
3—A varanda do grande «parterre»

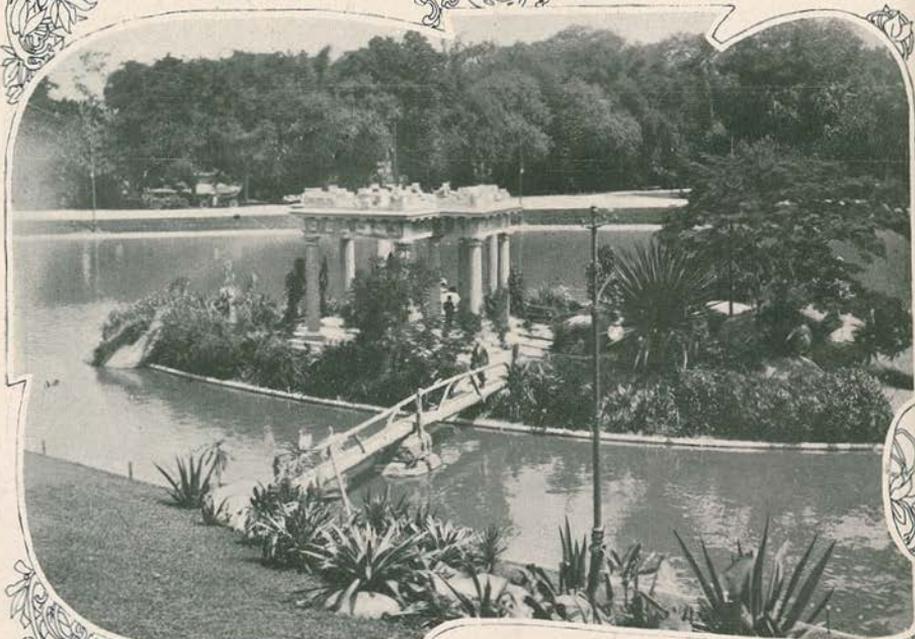


No momento em que o governo da Republica portugueza pensa em transformar as residencias reaes em estabelecimentos dedicados ao estudo e á arte, a Republica brasileira destinou a formosa quinta da Boa Vista, onde ficava a antiga residencia imperial, á edificação de um museu.

As propriedades privadas usufruidas pelos soberanos, os

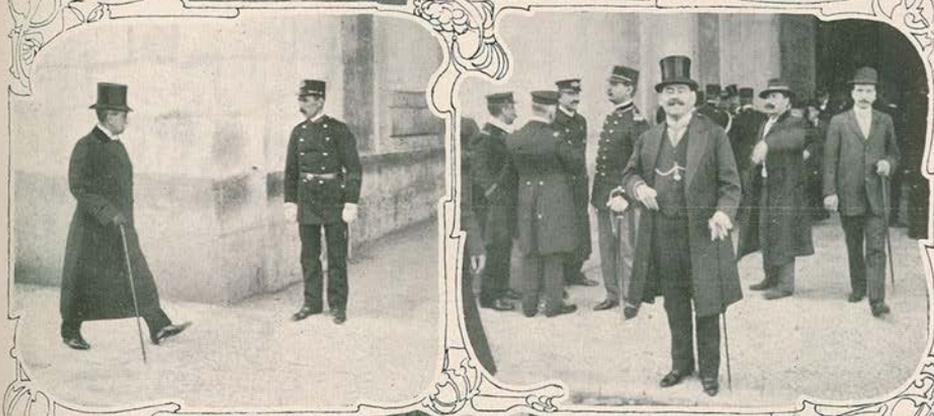
logares onde davam as suas festas, onde recebiam as classes privilegiadas, vão, com o decorrer dos tempos, tornando-se de verdadeira utilidade para os povos.

Foi o que succedeu á linda moradia do velho D. Pedro II, é o que se passará com as Necessidades, o ultimo paço d'um rei portuguez.



1—O lago. 2—Outro aspecto do lago

• O GOVERNO DÁ RECEPÇÃO •



1—Aspecto da multidão em frente do ministério do interior 2—O ministro do Brazil
3—O ministro da Argentina 5—A Associação dos Lojistas



1—A camara municipal de Lisboa. 2—A magistratura
3—A comissão delegada do pessoal dos electricos. 4—O exercito



1—O exercito e a marinha
 2—A officialidade do corpo de marinheiros
 3—A Imprensa Nacional
 4—Delegados dos novos batalhões voluntarios creados pela Republica
 5—O commandante da força da guarda republicana, tenente Pimentel, antigo sargento de artilharia 1.º, promovido a tenente pelos serviços prestados á Republica na revolução de 4 de outubro.
 (Cliches de Benoliel)

OS TRABALHOS DO CANAL DO PANAMÁ

OCEANO ATLANTICO

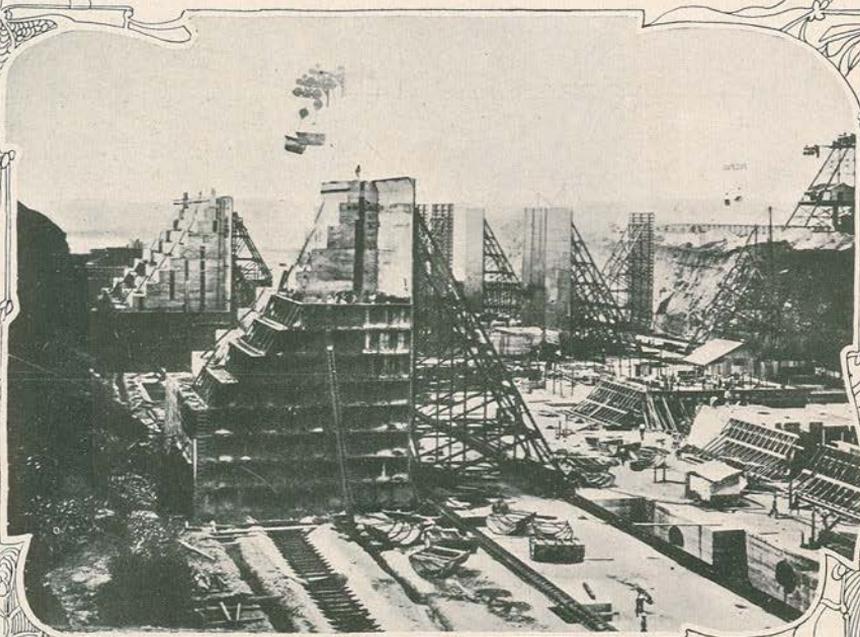
O CEANO PACIFICO

Finalmente, está em via de realização, o sonho secular de abrir um canal interoceânico no istmo de Panamá, essa lingua de terra que une as duas Americas, e que, rasgado, será o caminho maravilhoso e rapido entre as regiões orientaes, a Asia, a Indo-China, o Japão, e a Europa occidental.

Foram necessarios perto de quarenta seculos para essa obra se começar. Primeiro foi o portuguez Antonio Galvão que a imaginou, em 1528, mas o so-

tam, para declarar ser impossivel a empreza. Luiz Filipe recusa ouvir os delegados das republicas de Guatemala, Honduras, S. Salvador e Nicaragua, que solicitavam o seu patrocínio, e que foram mais tarde pedir o do aventureiro Luiz Bonaparte, quando prisioneiro em Ham.

Findo o regabofe do segundo imperio, chegado o quarto anno da Republica, Lesseps, a quem chamaram o grande francez, deliberou tomar sobre si essa mo-



O maior dique do canal do Panamá

no ousado ficou no esquecimento, ante o grande numero de riquezas vindas de todos os paizes novos que se exploravam; depois, em 1780, é Nelson a pretender abrir a comunicação pelo Nicaragua; no tempo do consulado, Humboldt trabalha nos locais com afinco, mas as guerras, as devastações que o imperio trouxe á Europa, não o deixaram levar a cabo a sua obra. Guilherme de Nassau, também tenta a empreza, e Guizot envia engenheiros ao Panamá, que vol-

numental tarefa, e todos se recordam ainda d'esse escandalo que rebentou em volta do fracasso financeiro da empreza. Panamá, tornou-se synonymo de delapidações, um rumor colerico soou na Europa; os jornaes encheram as suas paginas com detalhes d'esse *crack* tão formidavel, como o secular sonho de rasgar o istmo.

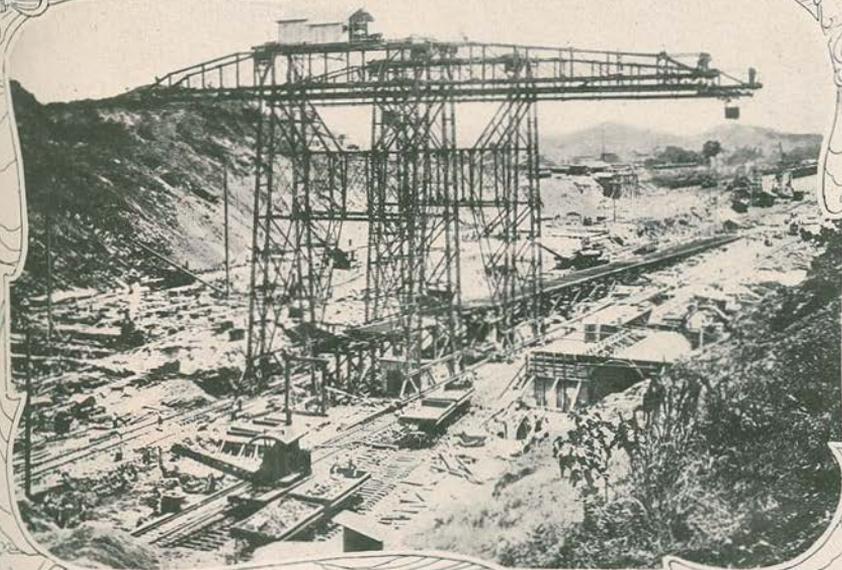
Desde 1888 que se falava das difficuldades dos trabalhos e das largas despesas dos concessionarios, mas o

nome de Lesseps apparecia sempre como a salvaguarda de todos os interesses, até que por fim, em 1892, os tribunaes tomaram conta do caso, e o grande francez foi condemnado, com seu filho, a cinco annos de prisão e a tres mil francos de multa.

O sonho romantico do portuguez Antonio Galvão, parecia que estava destinado a esmaecer na cella de Mazas, onde Lesseps cumpria a sua pena, depois de tantas tentaivas, de tantas audacias, de tantas aspirações.

Um grande silencio se fez sobre o Panamá, quando em 1902 o Congresso dos Estados Unidos deliberou comprar os direitos adquiridos pela companhia franceza. Começaram as negociações, e agora, no alvorecer de 1911, os trabalhos avançam, tornando possivel, para breve, a passagem d'um oceano para o outro, destruido o isthmo, na sua extensão de 74 kilometros, abrindo assim um enorme futuro ao commercio, ligando mais o oriente ao occidente e dando ás nossas ilhas dos Açores, uma grande importancia.

E, assim, a visão querida d'um portuguez d'outras eras, tornada realidade ao cabo de seculos, será ainda proveitosa para um pedaço de terra pertencente ao seu paiz.



1—Trecho pittoresco do reservatorio da agua potavel destinada aos operarios

2—Um engenho gigantesco empregado na prefuração em Culebra

(Clichés-Dellus)



O amigo das aves
das Tulherias
(Clichê da Graphic Press)

O governo francez acaba de condecorar o bom velho, que desde ha quinze annos, dia a dia, distribue migalhas de pão e de bolos aos pombos e aos pardaes das Tulherias, tornados seus amigos a ponto de comerem na concha da sua mão, como outr'ora todas as aves se achegavam para as dos santos eremitas.

São o mais extranho dos phenomenos os clarões representados na nossa photographia, que foi obtida durante as grandes tempestades de Fort Dandstand, em Margate, Inglaterra.



Um extranho phenomeno—(Clichês Delius)